

O FEMINISMO APRESENTADO A PAIS E MÃES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM REUNIÕES ESCOLARES

Autores: LARISSA S. MENDES;

Introdução

Feminismo? O que é e de onde surgiu o conceito dessa palavra que desperta hoje tanta repercussão... Resumindo é um movimento social e político que tem como objetivo conquistar o acesso a direitos iguais entre homens e mulheres e que existe desde o século XIX. O crescente desenvolvimento de atividades e ideologias voltadas ao feminismo desperta não só a necessidade de debate e mudanças sociais, mas de transformações de perspectivas pré-conceituosas sobre as categorias do que é masculino ou feminino no Brasil. A construção de uma nova identidade da mulher brasileira, não é apenas numa perspectiva individual, mas funciona como um projeto coletivo, sendo esta uma das bases do movimento social. Nesse sentido, surgiu a idéia desta proposta de intervenção, que tem como intuito apresentar de maneira simples e objetiva como o feminismo diz respeito à liberdade de expressão das mulheres, às práticas relacionais de independência econômica e às de insubordinação sexual na busca de direitos iguais. Deste modo, o feminismo seria contrário ao machismo, sinônimo de violência e opressão, categorizado de maneira oculta ou mesmo como ação "natural" na sociedade contemporânea, mas além disso o feminismo é um modo de pensar, agir e sentir.

No contexto histórico acadêmico a nível mundial, observamos o nascimento de dois processos idealizados pelo feminismo: a constituição de novas práticas pedagógicas que pensam na questão do gênero e/ou que utiliza das experiências de pessoas, para amenizar o déficit ainda presente sobre o tema no quesito teórico e empírico. Esta parceria deve estar baseada na participação da família na vida escolar do aluno, a partir da perspectiva de que a parceria família-escola possa representar um diferencial na vida cotidiana. Através de apontamentos sobre estudos de gênero pressupõe-se que seja ao menos despertado o pensamento crítico relativo a essas questões.

Material e métodos

Participantes são 200 (de) casais históricos (futura (futuras) mães) profissionais da Delegacia Profissional em parceria com a escola pública (Figura).

Analisando a participação das mulheres ocupadas nos sete grupamentos de atividade apontados pelo IBGE por meio da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) de março de 2010, observou-se que nos grupamentos que incluem a Indústria, Construção, Comércio, Serviços prestados a empresas e Outros serviços, mulheres eram minoria. A participação delas era maior nos grupamentos que incluam a Administração Pública e nos Serviços domésticos, neste último elas eram quase maioria absoluta, com a porcentagem de 94,5 mulheres nos serviços domésticos.

Pesquisas a respeito de gênero com a ótica feminina se tornaram cada vez mais frequentes, a partir da reflexão em grupos de estudos e a politização expressa na sociedade. A proposta é levar essa discussão para as famílias tendo como foco pais e mães, sendo a reunião realizada especificamente para o objetivo proposto ou mesmo após reunião escolar comum, na própria sede da escola. Primeiramente, seriam apresentados dados estatísticos referentes a violência e opressão de mulheres. Depois, por meio de exemplos do cotidiano sobre como mulheres são atingidas pelo machismo, seria impulsionado um diálogo sobre experiências já passadas ou vistas/sabidas, ao passo que seriam apresentadas teorias sociais que dizem respeito às relações desiguais entre os sexos, em análises comportamentais mais rígidas em relação as mulheres. Por isso, para a compreensão do pensamento machista e a sua formação, seria levantado também o pensamento feminista, ferramenta de combate.

Discussão e Resultados esperados

Segundo dados publicados em março desse ano (08/03/2017) pela *Revista Exame* uma em cada três mulheres sofreram algum tipo de violência no último ano. Só de agressões físicas, o número é preocupante: 503 mulheres brasileiras vítimas a cada hora.

Os dados, divulgados hoje, no Dia Internacional da Mulher, mostram que 22% das brasileiras sofreram ofensa verbal no ano passado, um total de 12 milhões de mulheres. Além disso, 10% das mulheres sofreram ameaça de violência física, 8% sofreram ofensa sexual, 4% receberam ameaça com faca ou arma de fogo. E ainda: 3% ou 1,4 milhões de mulheres sofreram espancamento ou tentativa de estrangulamento e 1% levou pelo menos um tiro.

Nesta pesquisa, 11% das mulheres procuraram a Delegacia da Mulher, especializada no atendimento dos casos específicos de violência contra mulheres, e 13% se mantiveram com o auxílio da família. A maioria se cala diante da violência: 52%, e esse alto percentual deve estar justificado na proximidade do agressor que, em 61% dos casos, são conhecidos, ou companheiros amorosos (19%) ou ex-companheiros (16%). Para 73% das pessoas pesquisadas, a sensação de violência contra a mulher aumentou, sendo assim para 76% das mulheres questionadas.



Além da violência e assédio explícito, por meio da história social percebemos também de maneira sutil a subordinação da mulher, ao homem, a casa, a família, mas dificilmente a ela mesma. No pensamento social brasileiro está incutido a seguinte perspectiva da mulher, "que ela se case", a maioria espera que ela seja completamente a dona da casa; cuide da limpeza e organização; da cozinha; cuide dos filhos, de como eles vão na escola e na vida; das roupas; da alimentação de todos; que saiba do que se está precisando; das compras; que tome conta do jardim e dos animais de estimação; além disso espera-se que saiba se portar, que saiba falar baixo, que seja receptora total do parceiro e que seja "descendente". Porém, quem disse que valores morais gerais são verdadeiros para todos? O problema que se pretende apresentar não é que a maioria esteja errada, não é que a mulher saiba ou faça essas coisas, o problema é quando isso se torna apenas uma maneira certa, quando a forma de viver se desvia do querer e torna obrigação, subordinação ou condição por pressão social. Perspectivas conservadoras e de limitação sobre o feminino são ligadas a forma de julgar as mulheres, assim como, suas atitudes e ações são analisadas por meio de concepções já pré-definidas do que a mulher deve fazer, ou mesmo ser. O que se espera da mulher em relações familiares e fora de casa? Como o seu modo de vestir e comportar influencia no que vão pensar dela? Seria a mesma coisa para o homem?

Será que o lar não tem sido lugar de dominação em vez de compartilhamento? Isso posto, se faz importante esse trabalho que tem como intenção alertar mulheres e homens sobre tomar consciência das suas próprias atitudes através da reflexão feminista.

Considerações finais

Uma possível saída para trabalhar a conceituação de gênero, seria, portanto, analisar e ter em vista as suas limitações, baseadas ainda numa teoria clássica que precisa ser reconfigurada no meio social existente que cada vez mais avança para liberdade de expressão e corporal das pessoas, onde cada qual decide o que quer ou que acha mais passível fazer com seu corpo e suas expressões de modo geral, de como ser em relação ao social. Portanto por meio desse trabalho é esperado que as pessoas se situem sobre o tema e que reflitam sobre suas vidas cotidianas o quanto são influenciados pelos costumes da sociedade o quanto seria possível mudar, assumindo uma forma mais compreensiva com relação ao feminino. Na medida em que pensamos as diferenças biológicas da mulher que não a faz inferior, pensada apenas como um ser subjetivo e relativo, mas racional e que isso seja levado para o lar e ambiente de convívio. O gênero como qualquer outra área de pesquisa que garante rigor crítico não deve ser posto de lado, pois ignorá-lo é ignorar uma possível fonte de erros. Portanto o desenvolvimento desse projeto tem como sentido esclarecer e apontar dados, exemplos ou mesmo experiências sobre como fazer o reconhecimento e combate ao machismo no cotidiano, entendendo a discussão desse tema como necessário para garantir que a ciência, sirva a todos, inclusive a mulheres e feministas.

Agradecimentos

A professora Daliana Antônio, que faz parte do Departamento de Política e Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), por meio da disciplina ministrada: *Estudos de Gênero na História das Ciências*.

Referências bibliográficas

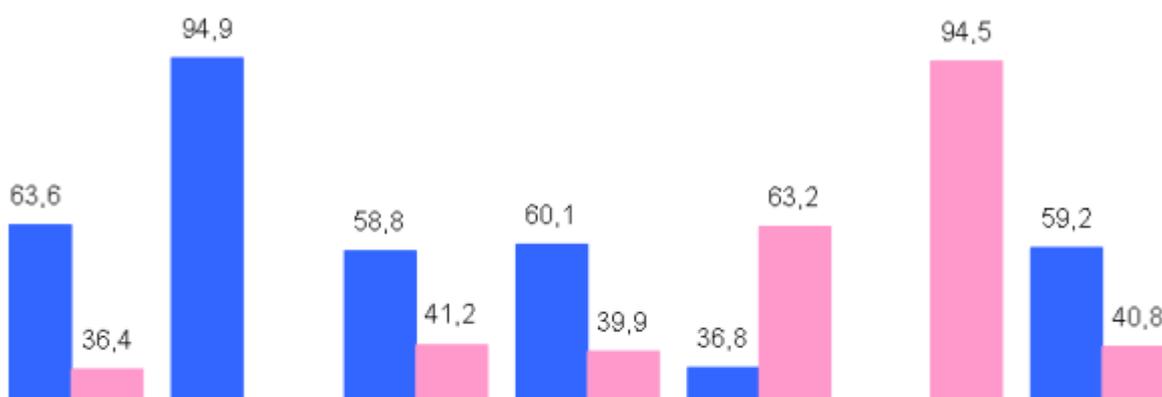
AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas: desafio as ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?**. São Paulo: EDUSC, 2001.

Os números da violência contra mulheres no Brasil. Disponível em: acesso em 15/09/2017

Mulher no Mercado de Trabalho: Perguntas e Respostas. Disponível em: (p.3) Acesso em 04/10/2017

Distribuição da população ocupada, por grupamentos de atividade, segundo o sexo 2009*



Realização:



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO,
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E ENSINO SUPERIOR



Apoio:



Figura 1 - < http://www.trabalho.pr.gov.br/arquivos/File/observatorio/IBGE_PME2010_Mulher_Mercado_Trabalho.pdf> (p.3) Acesso em 04/10/2017